

AS BASES FILOSÓFICAS DO CONCEITO DE DIALOGISMO

Aguinaldo Gomes de Souza¹

Mestre e Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pernambuco, Brasil.

RESUMO: Os estudos sobre as obras de Bakhtin e o círculo fundamentam a análise dialógica do discurso. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo colocar em diálogo as diversas concepções sobre o conceito de dialogismo. Para esse fim examinamos como a noção surge no campo da filosofia e como ela é pensada por diferentes filósofos no século XX. Foram examinados também as aproximações conceituais existentes entre o filósofo M. Bakhtin e M. Buber, fato que nos leva a intuir que há uma estreita relação entre o conceito de dialogismo tal qual visto em Buber com o conceito de dialogismo utilizado por Bakhtin. Nesse sentido, é possível dizer que o dialogismo tem como fundamento a relação Eu-Tu cuja base é uma dimensão onto-fenomenológica.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo. Filosofia. Análise dialógica do discurso.

ABSTRACT: The studies on the works of Bakhtin and the circle base the dialogical analysis of the discourse. In this sense, the present study aims to put into dialogue the different conceptions about the concept of dialogism. To this end we examine how the concept arises in the field of philosophy and how it is thought by different philosophers in the twentieth century. We also examined the conceptual approaches that exist between the philosopher M. Bakhtin and M. Buber, which leads us to intuit that there is a close relationship between the concept of dialogism as seen in Buber with the concept of dialogism used by Bakhtin. In this sense, it is possible to say that dialogism is based on the I-Tu relationship whose base is an onto-phenomenological dimension.

KEYWORDS: Dialogism. Philosophy. Dialogic analysis of discourse.

INTRODUÇÃO

Não se trata, evidentemente, de fazer aqui um percurso histórico da análise de discurso desenvolvida no Brasil ou no mundo. De igual modo é possível dizer que nosso estudo não tem por missão colocar em diálogos as diversas abordagens sobre o funcionamento do discurso que são objetos de estudos na atualidade. Ainda assim, é fato inconteste que o interesse pelo

¹As reflexões aqui iniciadas fazem parte de uma pesquisa de Doutorado em Linguística, in fieri, desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco. Para contato: www.aguinaldogomes.com

discurso assumiu, na contemporaneidade, uma proporção crescente, fato que coloca os estudos linguísticos que tratam do discurso em evidência. O interesse pelo discurso é encontrado desde Aristóteles (384 a.C - 322 a.C), com sua poética clássica e sua retórica. Bem antes de compreendermos hodiernamente o que vem a ser discurso, a sofisticação da retórica aristotélica já chamava a atenção. Os modelos de análise da poesia, do drama, dos discursos políticos desenvolvidos a mais de dois mil anos foram durante muito tempo o ponto de reflexão para aqueles que pretendiam de alguma forma entender o que viria a ser discurso.

Mas é com os formalistas russos, como aponta Maingueneau (1976), que o discurso tem sua entrada no campo dos estudos linguísticos. Os formalistas russos, como se sabe, superaram o modelo de análise filológica que até então dominava os estudos, ainda assim esse avanço na compreensão do funcionamento da língua não pode ser marcado com o início dos estudos discursivos, os seguidores dos formalistas, os estruturalistas, ao desenvolverem uma análise da estrutura do texto, excluíram toda forma de reflexão sobre a exterioridade.

É possível dizer que foi só a partir de 1970 quando a análise linguística saiu do nível da frase e da sentença e os linguistas passaram a considerar, em suas análises, os usos, que o discurso experimentou o seu lugar no meio dos estudos linguísticos. No presente momento, é fácil perceber a existência de algumas 'análises de discurso'. A primeira que poderíamos apontar é a análise de discurso proveniente da escola francesa e a segunda é aquela que surgiu a partir da recepção da obra do filósofo Mikhail Bakhtin².

Como mostra Maingueneau (1997), a análise de discurso francesa é filiada a uma tradição intelectual europeia na qual o linguístico e o social se inscrevem e como aponta Brandão (2004, p.16) citando Orlandi, (1986, p.110) "a AD se apoia sobre conceitos e métodos da linguística. A AD pressupõe a Linguística e é pressupondo a Linguística que ganha especificidade em relação às metodologias de tratamento da linguagem nas ciências humanas".

Apoiar-se nos conceitos e métodos da linguística, seguramente, significa ter não só como mote a língua mas também ter que necessariamente considerar outras dimensões para a análise, é nesse sentido que Maingueneau (1997, p.13) vai dizer que a análise de discurso francesa relaciona-se com textos produzidos: 1- "no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; 2- nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc; 3- que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado". É assim que a

² Aqui também não podemos esquecer da Análise Crítica do Discurso, que grosso modo, se baseia nos trabalhos dos filósofos Louis Althusser, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Karl Marx. Norman Fairclough e Teun Van Dijk são dois expoentes que tem na Análise Crítica seu campo de labuta.

linguagem começa a ser pensada não mais como um fenômeno cuja relação acontece no sistema e passa a exigir outros fatores, que não estão cerrados no sistema, que não estejam alocados dentro de uma imanência.

Nessa passagem, o sujeito, a história, as formações discursivas e a ideologia passam a ser quadros de preocupação para o analista. Desse modo é possível dizer com Brait (2006, p.21) que "dentre as grandes tendências que possibilitam "o regresso do sujeito" estão, sem dúvida, a Análise do Discurso Francesa e o pensamento Bakhtiniano, o qual chega ao Brasil, e ao resto do Ocidente, aos poucos e não como um bloco coeso". Foi somente no final da década de 1970 que os linguistas tiveram contato com o pensamento de Bakhtin, embora como sabemos desde a época em que a antiga URSS se encontrava dentro de uma revolução, Bakhtin já tinha uma produção significativa. O aspecto novo em Bakhtin e o que de imediato provou nos linguistas que até então viviam a época da estrutura, foi o modo como o pensamento bakhtiniano concebia a linguagem.

O aparecimento de Marxismo e filosofia da linguagem se dá como uma espécie de "terceira margem dos estudos da linguagem". Tanto as duas grandes correntes do pensamento linguístico, o estruturalismo e a estilística clássica, são colocados na berlinda, mais diretamente no capítulo intitulado "Duas orientações do pensamento filosófico linguístico", como um avanço na direção dos estudos enunciativos e discursivos é colocado em andamento, a partir de discussões instaladas pelos capítulos mais lidos da obra: "Língua fala e enunciação", "Interação verbal" e "O discurso de outrem". A percepção da linguagem e da possibilidade de estudá-la levando-se em conta a historicidade, os sujeitos, o social, sem dúvida, provocara profundas mudanças, que podem ser simbolizadas na ideia de signo ideológico. Nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia, como a obra vai mostrando ao longo de seus capítulos. Partindo da tradição dos estudos da linguagem, sem apagar os ganhos trazidos pelos estudos saussurianos e pelos estudos estilísticos, o pensamento bakhtiniano presente nessa obra ofereceu a ocasião de um salto qualitativo no sentido de observar a linguagem não apenas no que ela tem de sistemático, abstrato, invariável, ou, por outro lado, no que de fato tem de individual e absolutamente variável e criativo, mas de observá-la em uso, (BRAIT, 2006, p. 22).

O pensamento de Bakhtin vai em certo sentido sendo forjado pela questão da dialogia, o dialógico é o modo como o filósofo russo pensa a linguagem e é o modo de existência do

discurso. O diálogo toma papel tão nuclear no pensamento bakhtiniano que sem ele é impossível pensar no conceito de enunciado, enunciado concreto, nas noções de situação e contexto extraverbal, no conceito de evento e ato, de acontecimentos etc.

Neste trabalho vamos colocar em exame a gênese da filosofia dialógica, deixaremos de lado assim as questões que se relacionam com a autoria dentro do pensamento Bakhtiniano, as análises das obras ou mesmo como epistemologicamente o pensamento do filósofo russo se constrói e é recebido no ocidente. O recorte que faremos, entretanto, permanece ligado e interligado à gênese bakhtiniana e poderá servir de substrato para uma análise dialógica do discurso.

OS PRIMEIROS A PENSAR SOBRE O EU E O TU

Na história da filosofia, o pensamento dialógico surge de forma consistente no início do século XX. Os primeiros a pensar no conceito de dialogismo estavam situados no campo da teologia filosófica e tinham como preocupação central compreender a existência humana em sua relação com a alteridade. A ideia incipiente sobre a realidade dialógica da existência já era percebida na filosofia desde Friedrich Heinrich Jacobi (1743 - 1819) e a posteriori na obra de filósofo Ludwig Feuerbach (1804 - 1872), ainda assim essas ideias geminais estavam fadadas a um aprisionamento conceitual: os modos Eu e Tu que são modos pilares do pensamento dialógico, estavam cerrados em uma pseudomística na qual o Eu e o Tu é homem, o que de certa maneira acaba por levar o conceito de relações dialógicas para longe do centro do dialogismo. Somente algum tempo depois é que Soeren Kierkegaard (1812 - 1855) elimina essa construção ao reintroduzir o divino, Deus, na relação com o Eu.

Como se sabe, as relações dialógicas são o modo de funcionamento da vida e da vivência humana. Mas para que possamos caminhar em direção a essa definição é preciso considerar as suas gêneses, é possível dizer que logo após Jacobi (1743 - 1819) e Feuerbach (1804 - 1872) terem intuído algo a respeito da existência dialógica, surgem outros filósofos que começam a pensar no princípio dialógico, na ordem: Ferdinand Ebner (1882-1931), com a obra "A palavra e as realidades espirituais"; Franz Rosenzweig (1886 - 1929), com a obra "A Estrela da Redenção" e Martin Buber (1878 - 1965), com a obra "Eu e Tu". Na Rússia, Mikhail Bakhtin (1895 - 1975) surge como um filósofo que toma o dialogismo como "pedra fundamental" do

seu pensamento, é a partir do dialogismo que Bakhtin pensa a palavra, a alteridade e os enunciados.

Um dos primeiros filósofos que provocaram o pensamento em direção ao conceito de dialogismo, tal qual percebemos hoje nos estudos linguísticos, foi Ferdinand Ebner (1882 - 1931). As reflexões de Ebner (1998) sobre a relação Eu-Tu, são sistemáticas a ponto de o filósofo pensar que a realização da vida humana só pode acontecer na abertura que o Ser mantém no diálogo. Nas palavras de Zilles (2016, p.100): a relação Eu-Tu é uma relação estrutural da “pessoa como ser espiritual, uma condição básica do seu ser. Essa relação que é em essência interpessoal, tem sua expressão essencial na palavra, na comunicação dialógica, através da qual a pessoa desenvolve seu pensamento e sua criatividade”. A filosofia dialógica coloca em questão o esquema eu-isso, sujeito-objeto, que são em análise, frutos de uma metafísica mecanicista e assenta em evidência o Eu-Tu. Em Ebner (1998), o Eu-Tu é fruto da interação com o divino, o Tu é o divino que se manifesta na palavra, é assim que Ebner (1995), nos Fragmentos Pneumatológicos 8³, vai anunciar que:

Quando o homem, no início de seu tempo, ouviu a primeira palavra como uma palavra e não apenas como um som; quando ele mesmo falou sua primeira palavra, a luz de seu mundo interior veio até ele, e o mistério de sua vida tornou-se aparente para ele. Mas então deve ter havido um momento em que aquela luz escureceu novamente e esse mistério se fechou diante do homem, e esse foi o momento da apostasia de Deus.

O Eu para Ebner (1998) é carente de sentido, o desdobramento do Eu aponta para o Tu. O Eu é a instância carente do ser dotado de linguagem, nas palavras de Zilles (2016, p.101): “a realidade fundamental da existência humana é a linguagem enquanto falada. Nela eu existo, temporal e dialogicamente, encontrando na palavra e no amor, o Tu do outro ser humano e, por esse meio e através dele, o Tu de Deus”. Se o Eu é carente de linguagem, é pela palavra Eu-Tu que o homem se firma na existência, o Eu para Ebner (1998) é sempre um Tu de um outro Eu, que é em análise um Eu divino. As reflexões desenvolvidas por Ebner (op. cit) sobre o modo dialógico o afasta de certa maneira dos idealistas alemães e do pensamento cartesiano. O dialogismo é desse modo visto na relação da realidade espiritual e da linguagem que é em substância vista não mais como um veículo para descrever as coisas (aos moldes do que

³ Tradução nossa

pensavam os idealistas) mas uma força que atribui ao homem sua personalidade e permite ao Eu e Tu da relação vivenciarem uma intersubjetividade. Nessa direção Bergmam (1991) vai mostrar que em Ebner (op. cit.) O Eu e o Tu são realidades espirituais da vida humana, cuja inter-relação é mediada pelo *logos*. O *logos*, ou linguagem, é o fundamental, e sua essência está ocorrendo entre o Eu e o Você.

A essência da linguagem pressupõe uma relação recíproca entre as pessoas e também cria essa reciprocidade, em Ebner (1998), a linguagem é a revelação de Deus para o homem. Esse parece ser o ponto de vista compartilhado por outro filósofo, Rosenstock-Huessy (1888 – 1973). É da noção de gramática pneumatológica que Rosenstock retira o substrato necessário para formulação do seu pensamento dialógico. Protestante, nascido na Alemanha em 1888, e assim como Ebner (op. cit), ele creditava à relação Eu-Tu-Divino um modo de compreender a existência. Seu pensamento sobre a linguagem, como acentua Bergman (1991), possui forte ligação com o pensamento de Ebner, o "*logos*" é uma revelação da presença divina e a revelação precede o discurso. Rosenstock-Huessy, como mostra Stahmer e Gorman-Thelen (2002, p.16), foi um dos primeiros "pensadores sociais religiosos pós-modernos a enfocar a realidade como constructo da linguagem. Também foi um dos primeiros a perguntar sobre "o outro" e a "alteridade" (*anderssein*), que são fundamentais hoje nos campos da semiótica e da hermenêutica".

Ainda assim, a percepção da existência de uma filosofia dialógica toma expressão particular com Rosenzweig (1997). Para o filósofo, a existência humana é fruto de uma alteridade absoluta, na experiência do Ser está o absoluto, que move o homem e cuja finitude define a experiência. Na experiência reside o dialógico. O dialógico, em Rosenzweig (op. cit.), é a relação com um Tu em que o Eu se descobre enquanto eu. O contraste dialógico visto na filosofia de Rosenzweig (1997) é o equivalente ao reconhecimento dialético tal qual Hegel (1986), para quem a egoidade natural do eu toma o tu como seu ser.

Nas palavras de Henriques (2017, p.58) "para Hegel, o eu subsume o outro, porque não o vê como ser, mas como seu, não respeita a sua alteridade; como ilustra a narrativa do senhor e do escravo, a consequência é a violência e o confronto de forças". Para Rosenzweig (2005) o dialógico reside no próprio da diferença o que de certa maneira vai acabar se manifestando na revelação; a revelação é a manifestação e abertura para a transformação na qual o Eu se revela ao Tu. Nessa direção Rosenzweig (1997, p. 206) vai anunciar que "todas las cosas son testimonio de un revelar que ha tenido lugar. Todas las cosas son testimonio así, ya por el hecho

de que son todas cosas creadas, y la Creación misma es ya la primera Revelación, e prossegue na página 207: "así, la Revelación, precisamente en su surgir incondicionadamente momentáneo, es el medio por el que la Creación se consolida en sus figuras". Como se pode observar, a questão do divino e sua relação com o ser humano também é vívida em Franz Rosenzweig; e tal qual os outros filósofos que pensam o dialogismo, para ele a linguagem é modo como o homem se relaciona com o Ser-Criador.

É na obra "A estrela da Manhã" que Rosenzweig começa a descrever seu pensamento dialógico, nesta obra, após ter feito uma longa discussão a respeito dos modos gramaticais do indicativo, imperativo e exortativo, e se valendo de uma análise elaborada a partir do livro de Gênesis e de Cânticos dos Cânticos, conclui que o Eu-Tu percebido na linguagem é o mesmo Eu-Tu do diálogo com o Ser-Divino.

Apesar da atualidade teológica presente na obra de Rosenzweig, a filosofia é o terreno onde a concepção dialógica toma forma e para tanto o caminho que Rosenzweig faz é o de volta à uma ontologia; é assim que do idealismo tal qual visto em Kant (1994; 2013) ele retira a ideia da dualidade original, a qual alicerçada em um idealismo apregoa que o ser humano é dividido entre o determinismo das forças da natureza e a liberdade calcada na metafísica. Rosenzweig (op. cit) também vai busca em outros filósofos a experiência necessária para pensar a existência humana, em Schelling (1993) ele encontra uma unidade singular entre o espírito e a natureza; em Schopenhauer (1788 - 1860) ele vai buscar a ideia de subjetividade; com Kierkegaard (1813 - 1855) ele vai pensar a noção de metafísica e de Hegel (1986) ele extrai as ideias sobre a prova ontológica.

Ainda no tocante à metafísica, esta é pensada por Rosenzweig como três unidades: Deus, Mundo, Homem. É buscando solução para os problemas do mundo, do homem e de Deus que Rosenzweig volta-se para a filosofia da linguagem o que de certo modo reverberará no pensamento dialógico. Franz Rosenzweig é considerado um dos maiores filósofos-teólogos de origem judaica, em sua obra além da dimensão teológica, filosófica e dialógica, há também uma dimensão hermenêutica e ao que tudo indica essa dimensão está em estreita ligação com o processo dialógico. Fato interessante diz respeito ao trabalho realizado por Rosenzweig junto com outro filósofo do diálogo, Martin Buber. É creditado aos dois a primeira tradução da bíblia para o idioma alemão. Martin Buber (1982; 2001) é também um dos filósofos do diálogo.

BUBER E A DIALOGIA

As reflexões de Buber (op. cit) sobre o pensamento dialógico começam a tomar forma quando o filósofo estava envolvido com o misticismo, como mostra Bergman (1991, p.217) "na juventude, Buber era propenso a influências místicas. Ele fez pesquisas e escreveu sobre o misticismo indiano, chinês e alemão antes de chegar ao hassidismo". Mas é quando o filósofo começa a pensar sobre a dimensão ontológica do Ser que o seu pensamento dialógico começa de certa maneira a tomar forma. Assim é que as reflexões sobre a existência humana e a relação com o *logos*, passam a fazer parte de sua dialogia. É no livro *Eu e Tu* que a estruturação dialógica de Buber toma forma singular. como mostra Zuben (2001, p. X) na introdução da tradução brasileira de *Eu e Tu*, "esquemáticamente, a obra de Buber pode apresentar-se sob três facetas: Judaísmo, ontologia e antropologia. Cada uma delas se liga às outras de um modo circular".

A renovação, projeto que Buber propõe ao Judaísmo, implica uma ontologia da relação que, por sua vez, tem suas consequências em vários campos, tais como educação e a política. Dentro desta perspectiva, a ontologia da relação (palavra como diálogo), em Buber (op. cit), está presente como fundamento de todos os outros temas, seja de um modo retrospectivo nas concepções sobre o Judaísmo e na hermenêutica do Hassidismo, seja de um modo prospectivo na sua tradução da Bíblia, na sua antropologia filosófica, em seus estudos sobre educação ou política, orientados para uma ética do inter-humano. O fato primordial do pensamento de Buber é a relação, o diálogo na atitude existencial do face a face.

As influências filosóficas de Buber não são claras, mas ainda assim é possível encontrar certa correspondência entre seu pensamento e o pensamento de outros filósofos, como Feuerbach de quem Buber busca pensar a questão antropológica da relação Eu-Tu ou mesmo Kant (1994; 2013) de quem Buber (op. cit) pensa o princípio do plano moral. É no substrato do pensamento de Feuerbach que Buber (1982, p.152) afirma que "o homem é antropológicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana".

O diálogo em Buber, o modo Eu-Tu, é o modo do encontro e da totalidade que se desdobra na relação e na reciprocidade. É de Kant (op. cit) e seu princípio da moral que Buber (op. cit) vai buscar elementos para pensar a relação Eu-Tu, Eu-isso. Também a questão religiosa ou uma metafísica divina, não esteve fora da concepção dialógica de Buber, nesse sentido, para

o filósofo, a relação que o Eu estabelece com o Tu eterno existe na exclusividade e inclusividade que o Eu mantém com o Tu. É assim que para Buber (2001, p.91), "na relação com Deus, a exclusividade absoluta e a inclusividade absoluta se identificam. Aquele que entra na relação absoluta não se preocupa com nada mais isolado, nem com coisas ou entes, nem com a terra ou com o céu, pois tudo está incluído na relação". Para Buber (op. cit) o encontro com o outro e a reciprocidade da relação são marcas fundantes da relação dialógica, nas palavras de Buber (2001, p. 18): "relação é reciprocidade. Meu TU atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele".

Buber (op. cit) considera o Eu-Tu como palavras princípio, palavras princípio são aquelas que fundam uma existência, é através das palavras princípio que os modos da existência são atualizados. Considerar a natureza da palavra princípio significa considerar uma ontologia da presença cuja totalidade fundamenta a relação ontológica. Na dialogia de Buber, o Tu é o originário e não existe Eu em si. A substancialidade do Eu inexistente e só se manifesta na relação com o Tu. Nas palavras de Buber (2001, p. 32)

O homem se torna EU na relação com o TU. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos da relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece e aumenta cada vez mais.

Como mostra Zuben (2001), o evento dialógico ocorre sempre na presença e no encontro entre o Eu e o tu, totalidade aqui é vista não como simples soma de elementos da estrutura relacional, mas como relação direta e de independência entre os componentes do próprio que são participantes do evento. Ao pensar sobre o conceito de relação, Buber (2001, p.117) vai dizer que "são três as esferas nas quais o mundo da relação se constrói. A primeira é a vida com a natureza onde a relação permanece no limiar da linguagem. A segunda é a vida com os homens onde a relação toma forma de linguagem. A terceira é a vida com os seres espirituais onde a relação embora sem linguagem gera linguagem". Fato interessante de nota diz respeito a uma observação preliminar: o Eu que participa da relação dialógica não é substância ou uma realidade em si. O Eu é relação que se dá com o Isso e com o Tu. Desse modo, podemos dizer com Souza (2017, p.137) que o "Eu-TU é em Buber o alternativo ao Eu-isso, é o alternativo à coisificação". E prossegue, na página 138: "Martin Buber (1982) pode ser considerado o mais expressivo dentre aqueles que se dedicaram à filosofia do diálogo e do dialógico. Para Buber

(op. cit.) o diálogo pertence e é constitutivo do modo ontológico de sermos, o dialógico nos abre as possibilidades de encontro com o Outro".

Tal qual os outros filósofos do diálogo, Buber toma a linguagem enquanto fundamento de uma ontologia, a linguagem é a portadora do Ser. Assim sendo, a palavra dialógica como pensa Buber (1982) habita o 'entre' e é ao mesmo tempo abertura e relação. É na relação com o 'entre' que o homem percebe sua condição de ser existente, é no 'entre' que o homem percebe sua relação com o TU. O conceito de 'entre' intuído por Buber (op. cit), grosso modo, pode ser pensado como o lugar onde as relações dialógicas acontecem, é o lugar onde os sentidos se originam. Os sentidos na filosofia dialógica de Buber (1982) não se encontra no Eu ou no Outro, mas no entre.

O que Buber (1982) chama de dialógico não é apenas o relacionamento dos homens entre si, mas é o seu comportamento, a sua atitude um-para-com-o-outro, cujo elemento mais importante é a reciprocidade da ação interior. Buber (1982), ao teorizar sobre o diálogo, vai dizer que o diálogo genuíno só acontece quando há neste uma reciprocidade, quando há a experiência da relação, assim é que o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro.

Aparentemente trata-se de algo que acontece toda hora, algo banal; quando olhamos para alguém, quando lhe dirigimos a palavra, é com um movimento natural do corpo que a ele nos voltamos; porém na medida do necessário, quando a ele dirigimos a nossa atenção, fazemo-lo também com a alma. Mas qual é, em tudo isto, a ação essencial, realizada com a essência do ser? (BUBER 1982, p.56).

O meio que Buber (1982, p.44) vai utilizar para verificar o que acontece entre o Eu-Tu é a linguagem, para ele, "aquilo que me acontece é palavra que me é dirigida.

Enquanto coisas que me acontecem, os eventos do mundo são palavras que me são dirigidas". Além da linguagem, o dialógico necessita de um movimento básico para existir. Buber (1982) considera que essa ação essencial é em última instância uma ação essencial do interior do homem, o que de certa forma significa que para existir esse movimento básico é necessário que o homem esteja presente na relação, que se volte para o outro. Esse movimento básico é também uma premissa do inter-humano, para Buber (1982) a esfera do inter-humano é aquela do face-a-face, do um ao outro e o desdobramento dessa esfera é o que chamamos de

dialógico. Os fenômenos que ocorrem no inter-humano não podem de maneira alguma ser reduzidos a fenômenos psíquicos.

BAKHTIN E A DIALOGIA

Se com Buber (op. cit) as reflexões sobre a dialogia recebem um tratamento mais acabado, isto é, se considerarmos que a dialogia pensada por Buber (op. cit) é pensada para além da relação Eu-TU, é seguramente com Bakhtin que as reflexões sobre o dialógico começam a percorrer e se entrelaçar com os problemas da linguagem. Os textos: "Para uma filosofia do ato responsável, datado de (1919-1921); "Problemas da poética de Dostoiévski (2002)" e o manuscrito "Das notas feitas" e "O problema do texto", encontrados em "Estética da Criação Verbal" e escrito provavelmente em 1959-1960 podem ser apontados como aqueles em que o conceito de dialogismo de Bakhtin (2002) se manifesta de forma mais evidente.

Falar em construção de um conceito, em Bakhtin, principalmente quando utilizamos esse nome para nos referir ao conceito de dialogismo tal qual os filósofos do diálogo, pode ser problemático. A problemática do uso surge na medida em que longe de teorizar sobre o dialogismo, Bakhtin (op. cit) parece se aproximar do conceito filósofo e aplicá-lo em seu pensar. Mikhail Mikhailovich Bakhtin, nasceu em 16 de novembro de 1895, na Rússia, cidade Orel. Como mostra Holquist (2002) e Clark; Holquist (2008), sua família era de classe média e seu pai um executivo de banco que buscava na medida do possível dar uma boa educação aos filhos. É nessa conjuntura familiar que Bakhtin começa a se apropriar de outras línguas a ponto de se tornar fluente em alemão. A introdução a este idioma foi ofertada por uma governanta de origem alemã, que tinha a incumbência de oferecer educação ao jovem Bakhtin. Dessa influência, como mostra Holquist (2002), resultou leituras e aproximações com sistemas filosóficos, como o de Kant, Kierkegaard e Martin Buber. Fato interessante diz respeito a um comentário feito em nota de roda pé, no livro "Pelo prisma russo: ensaio sobre literatura e cultura" no qual Frank (1992, p. 21) vai afirmar que:

um artigo que apareceu numa revista de emigrados, simultaneamente com o livro de Clark e Holquist, indica que Bakhtin conservou sua admiração por Martin Buber até o fim de sua vida. O autor, que visitou Bakhtin no hospital em alguma data entre 1979 e 1981 (as datas podem ser estabelecidas porque sua mulher ainda estava presente a sua

cabeceira), relembra um outro visitante, que perguntava ao erudito adoentado o que ele pensava sobre Buber. A pergunta foi feita porque um amigo em comum, questionado acerca da opinião de Bakhtin sobre esse pensador, tinha permanecido estranhamente silencioso. Bakhtin respondeu, com fastio, que esse amigo comum, sendo um ati-semíta, teria evitado deter-se no assunto. Mas então deu sua opinião: "De Buber, Mikhail Mikhailovich pensa que ele - Buber - é o maior filósofo do século XX, e talvez, neste século, filosoficamente mesquinho, o único filósofo em cena". Bakhtin continuou então a explicar que, embora Nikolai Bierdiáiv, Lev Chestov e Jean-Paul Sartre fossem todos excelentes exemplos de pensadores, havia uma diferença entre os filósofos. "Mas Buber é um filósofo. E eu devo muito a ele. Em particular, pela ideia de diálogo. Certamente isto é óbvio para qualquer um que leia Buber".

A relação com a filosofia de Buber parece indicar algo, principalmente quando colocamos em confronto o pensar de Bakhtin (1998) e Buber (1982). Assim como Buber (op. cit), Bakhtin (1982) insiati na relação Eu-Outro como universo de valores distintos. Bakhtin (op. cit) começa a esboçar seu pensamento sobre o conceito de dialogismo aludindo para a relação Eu-Tu, para tanto se vale das categorias de "autores, vozes e entonação". Como sugere Souza (2017, p. 138) é possível notar traços de semelhança entre Bakhtin e Buber principalmente “quando se considera que a filosofia de Bakhtin é de base fenomenológica na qual o sentido ontológico do ser se constitui na relação com o outro”. Uma definição corrente dada por Buber (1982) parece ser comungada por Bakhtin (1998) ao considerar que o dialogismo são as relações de sentidos que ocorrem dentro das palavras, dos enunciados. A noção de diálogo parece ser central para a compreensão do conceito de dialogismo, nesta também é possível encontrar pontos de contato entre Bakhtin e Buber, como podemos notar:

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Os domínios da vida dialógica e da vida monológica não coincidem com os do diálogo e do monólogo, mesmo se nestes incluímos suas formas sem som e sem gesto. Não existem somente grandes esferas da vida dialógica que na sua aparência não são

diálogo, mas existe também o diálogo que não é diálogo enquanto forma de vida, isto é, que tem a aparência de um diálogo, mas não a sua essência. Aliás, parece, às vezes, que esta última espécie é a única que ainda existe (p.53). A vida dialógica não é uma vida em que se tem muito a ver com os homens, mas é uma vida em que, quando se tem a ver com os homens, faz-se isto de uma forma verdadeira (p.54). (BUBER, 1982, p. 53-54)

Nessa direção Souza (2017, p. 141) vai ponderar que a ideia principal contida na categoria ‘diálogo’, em ambos os filósofos, são bem próximas. “A diferença surge na medida em que Buber (op. cit.) utiliza a categoria ‘palavra’ para pensar a vida e vivência humana em toda sua concretude e Bakhtin (op. cit.) a utiliza como fenômeno em que as relações de sentido são produzidas no material linguístico”. Apesar da aproximação entre o pensamento dialógico de Bakhtin e de Buber, é possível perceber também que Kant de certo modo parece ser também decisivo para a concepção dialógica de Bakhtin, nessa direção Holquist (2002, p.33) vai ponderar que

Os antecedentes filosóficos imediatos do Dialogismo devem ser encontrados nas tentativas feitas por vários neokantianos para superar a lacuna entre "matéria" e "espírito". Após a morte de Hegel, essa lacuna tornou-se cada vez mais evidente na crescente hostilidade entre ciência e filosofia. O dialogismo, portanto, é parte de uma tendência importante no pensamento europeu para reconceitualizar a epistemologia, para melhor concordar com as novas versões da mente e os modelos revolucionários do mundo que começaram a surgir nas ciências naturais no século XIX. É uma tentativa de enquadrar uma teoria do conhecimento para uma época em que a relatividade domina a física e a cosmologia e, portanto, quando a não-coincidência de um tipo ou outro de signo à sua frente levanta novas questões sobre a própria existência da mente. Bakhtin começa aceitando o argumento de Kant de que há uma lacuna intransponível entre a mente e o mundo (mas, como veremos, ele difere de Kant ao assumir que, portanto, existem coisas em si; pode haver coisas fora da mente, mas não estão em si mesmas). A não identidade da mente e do mundo é a rocha conceitual na qual o dialogismo é fundado.

Como sugere Poole (2001, p. 112), Bakhtin parece aproximar-se da tradição fenomenológica inspirada por Max Scheler (1980): ele mantém uma atitude crítica em relação ao transcendentalismo de Husserl e não compartilha sua intersubjetividade ego-lógicas. Suas obras estão repletas de correspondências sistemáticas com Scheler (1980). Destas

correspondências, a ideia de interação, em Bakhtin (2003), como sendo nascida da "reciprocidade entre o eu e o outro" é mais merecedora de atenção, pois carrega em si um problema filosófico que se reflete no problema fenomenológico da consciência do mundo externo.

Há na análise feita por Bakhtin da obra de Dostoievsky a reflexão sobre uma antropologia do homem dialógico, para tanto Bakhtin destaca as principais estruturas da autoconsciência e auto-imagem. Surge nesse contexto as reflexões sobre o "eu-para-mim", "eu-para-outro" e "Outro-para-mim". É também em "Problemas da poética" que Bakhtin começa a pensar sobre o conceito de "excedente de visão", o que poderia ser considerado também como uma teorização a respeito da ontologia do homem. Nessa obra como mostra Araújo (2018, p.38), Bakhtin ao teorizar sobre o processo dialógico identifica as "palavras de “primeiro” e “segundo tipo”, ambas univocalizadas, e as “palavras de terceiro tipo”, bivocalizadas, que, por sua vez, podem ser passivas (unidirecionais e varidirecionais) ou ativas". Bakhtin utiliza o conceito de dialogismo para pensar a linguagem, o conceito assim pensado pode ser apontado como a pedra fundamental na qual o pensamento Bakhtiniano repousa.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Iniciamos esse trabalho revistando as concepções filosóficas sobre o dialogismo em Ebner, Rosenstock-Huessy, Rosenzweig, Buber e Bakhtin. Nesse caminho que trilhamos, longe de esgotar a complexidade do pensamento dialógico e sua correlação com a análise de discurso, pretendeu-se trazer à luz alguns elementos da construção da dialogia que indicam no seu bojo uma dimensão onto-fenomenológica da problemática do Eu-Tu. Ontológica pois a compreensão do conceito de dialogismo passa necessariamente pela compreensão da existência do Ser existente que se constitui em relação com a alteridade. Fenomenológica porque a compreensão do Eu-Tu é fundamentada no fenômeno originário da relação.

Nesse movimento de observação pudemos perceber que na sua base originária, o dialogismo era compreendido a partir da observação do relacionamento entre o ser humano e o divino. O contexto de época, as influências teológicas dos filósofos ou mesmo a maneira como eles pensavam a relação do homem com Deus, foram de certa forma, as bases sobre as quais a dialogia prosperou.

A compreensão que se pretende pôr em evidência é que por mais que seja fato que o pensamento dialógico foi elaborado por diferentes filósofos, ele guarda em si uma unidade singular ao ponto de não notarmos uma ruptura total quando se circunscreve a concepção filosófica à um determinado filósofo. Muito mais que fundamentar um marco na transição filosófica o objetivo das retomadas e das considerações que fizemos é convocar uma aproximação que nos possibilite compreendermos como o dialogismo é percebido na Análise Dialógica do Discurso.

O exercício de confronto entre a teoria dialógica desenvolvida por Martin Buber com a compreensão dialógica de Bakhtin, longe de se esgotar em si, nos leva a pensar na fertilidade da filosofia dialógica. Nesse sentido, é interessante reconhecer, mais uma vez, a forte aproximação entre a dialogia de Buber com a de Bakhtin. Como assevera Sampaio (2016), a teoria dialógica da linguagem de Bakhtin encontra seus fundamentos numa ontologia do ato ético responsável. Essas questões que levantamos aqui, nos fornecem uma indicação preciosa para o entendimento do fazer filosófico de Bakhtin e de como ele articula a questão do Ser com o dialogismo e com uma ontologia hermenêutica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Karla Daniele. *A Construção de conhecimento na orientação acadêmica: um processo de intervenção formativa*. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, 2018

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

_____. *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária*. In: *Questões e literatura e de estética: A teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2º ed.rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006

BERGMAN, Samuel Hugo. *Dialogical philosophy from Kierkegaard to Buber*. Translated from Hebrew by Arnold, State University of New York Press, 1991

BUBER, Martin. *Eu e Tu / Ich und Du*. Tradução do alemão, introdução e notas por: Newton Aquiles Von Zuben, São Paulo: Centauro, 2001

_____ *Do diálogo e do dialógico*. Perspectiva, 1982

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg - São Paulo: Perspectiva, 2008

EBNER, F. *La parola e le realtà spirituali: frammenti pneumatologici*, a cura di Silvano Zucal, Cinisello Balsamo, Edizioni San Paolo, 1998

_____ *La palabra y las realidades espirituales. Fragmentos pneumatológicos*. [Traducción: José M^a Garrido Luceño]. Caparrós Editores (Espirit, 17), Madrid. 260p.

FRANK, Joseph. *Pelo Prisma Russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Paula Cox Rollim e Francisco Achcar. SP. Editora da Universidade de São Paulo, 1992

HEGEL, G.W.F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986

HENRIQUES, Mendo Castro. *Franz Rosenzweig e o Pensamento Dialógico*. Coleção Estudos de Filosofia. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2017

HOLQUIST, M. *Dialogismo, Bakhtin and His World*. 2nd London: Routledge, 2002

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994

_____. *Metafísica dos costumes / Die Metaphysik der Sitten*. Tradução [primeira parte] Clélia Aparecida Martins, tradução [segunda parte] Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

MAINGUENEAU, D. *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1976

_____ *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP. Pontes: editora da Universidade Estadual de Campinas, 3º edição, 1997

ORLANDI, E. P. *A análise do discurso: algumas observações*, DELTA, vol. 2, n. 1. São Paulo: EDUC, 1986.

POOLE, B. *From Phenomenology to Dialogue: Max Scheler's Phenomenological Tradition and Mikhail Bakhtin's Development From Towards a Philosophy of the Act to His Study of Dostoevsky*. In HIRSCHKOP, K. and SHEPHERD, D. eds. *Bakhtin and Cultural Theory*. (2nd edition) Manchester: Manchester University Press, 2001

ROSENZWEIG, Franz. *La Estrella de la Redención*. Tradujo Miguel Cracia-Baró. Ediciones sígueme, S.A., 1997

ZILLES, Urbano. *Panorama das filosofias do século XX*. [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, Coleção Filosofia, 2016

SAMPAIO, M. C. H.. *Bakhtin e a filosofia do ato na pesquisa e no ensino: uma experiência acadêmica na universidade federal de Pernambuco (Brasil)*. CONEXÃO LETRAS, v. 16, p. 169-182, 2016.

SCHELER, M. *Der Formalismus in der Ethik und die Materiale Wertethik. Neuer Versuch der Grundlegung eines Ethischen Personalismus*. Obras completas, vol II. Bern: A. Francke Verlag, 1980.

SOUZA, Aguinaldo Gomes. *Do Princípio dialógico e sua correlação com as materialidades discursivas verbo-visuais em plataformas online*. Revista Prolíngua, UFPB, volume 12, número 02, 2017